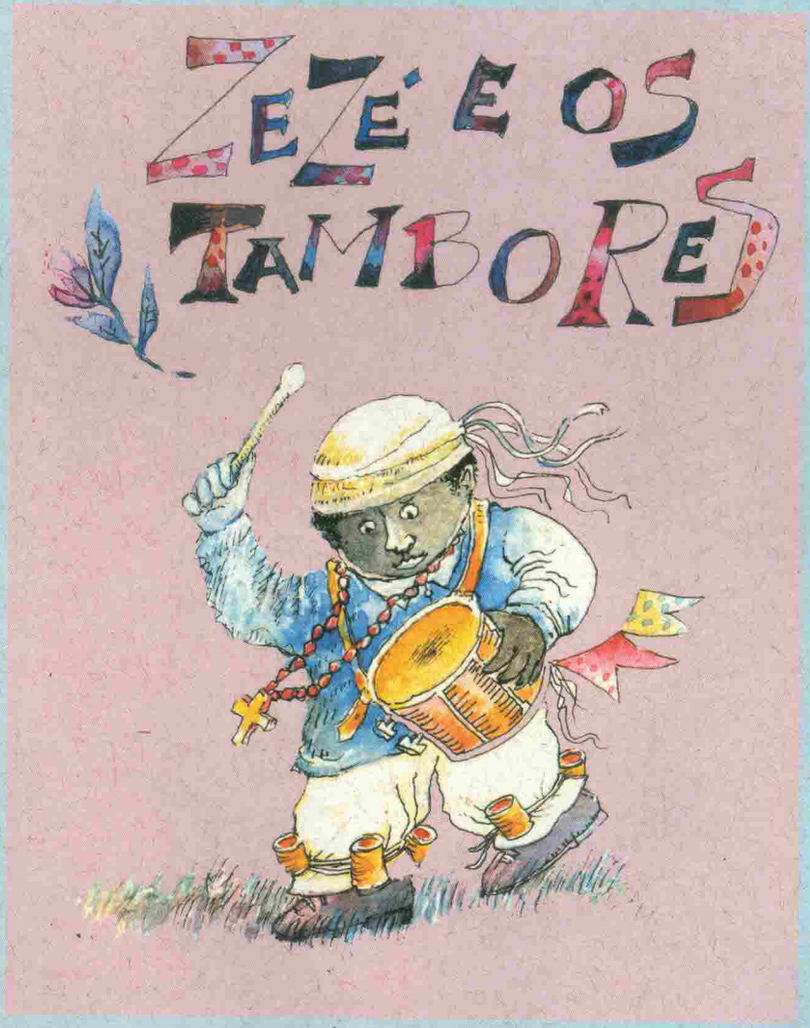
BETE GONTIJO
PABLO MATOS CAMARGO

ZÉZÉ E OS TAMBORES



ILUSTRAÇÕES
HUMBERTO GUIMARÃES

ZEZÉ E OS TAMBORES

ZEZÉ E OS TAMBORES

BETE GONTIJO
PABLO MATOS CAMARGO

ILUSTRAÇÕES

HUMBERTO GUIMARÃES

Cedefes
Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva

Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

MISEREOR
IHR HILFSWERK

Copyright © Maria Elisabete Gontijo dos Santos e Pablo Matos Camargo, 2007
Copyright das ilustrações © Humberto Guimarães, 2007

Produção e coordenação editorial
Juliane Matarelli

Projeto gráfico e diagramação
Fernanda Moraes

Revisão de texto
Juliane Matarelli
Maria Regina da Mata Machado Coelho

S237z

Santos, Maria Elisabete Gontijo
Zezé e os tambores / Bete Gontijo, Pablo Matos Camargo; ilustrações: Humberto Guimarães. — Belo Horizonte : CEDEFES, 2007.
48p. ; il. -

Inclui suplemento de apoio didático ao professor
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-60935-00-0

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Literatura brasileira. I. Camargo, Pablo Matos. II. Guimarães, Humberto. III. Título

CDD: B869
CDU: 82-93

Colaboradores do CEDEFES para esta edição:
Adriana Rocha
Ana Paula Ferreira de Lima
Ana Paula de Oliveira
Benedito Luiz Domingos
José Fernandes Pacheco
Leda Maria Benevello de Castro
Marielle Patrícia Brasil de Figueiredo Pelliccione (Elaboração do suplemento de apoio didático ao professor)

[2007]
Todos os direitos desta edição reservados ao
CEDEFES — Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva
Rua Padre Marinho, 455 — sala 34
Santa Efigênia — 30140-040
Belo Horizonte — Minas Gerais
Telefone (31) 3224-7659
www.cedefes.org.br
cedefes@cedefes.org.br

Impresso no Brasil
Belo Horizonte — 1ª edição — 2007
Tiragem: 5.000 exemplares

SUMÁRIO

ZEZÉ
09

A VIAGEM
14

O QUILOMBO DE Pedra Caiada
16

BRINCANDO NO RIO
18

NA FOGUEIRA

21

A FESTA DE
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

23

O BICHO FORTALEZA

27

O PRETO VÉIO

29

A VOLTA

30

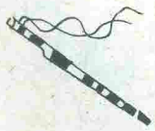
GLOSSÁRIO

34

ZEZÉ

José Acácio é um garoto inteligente, gosta de ler e de ouvir música. José Acácio é mais conhecido como Zezé. Zezé vive em uma cidade grande. Durante o dia Zezé vai à escola e estuda. À noite, assiste à televisão. A turma de Zezé se reúne, quase todos os fins de semana, para jogar futebol nos arredores de sua casa. Zezé gosta de bola, mas no que ele se amarra mesmo é em batucar as latas e os baldes. Sempre teve o grande sonho de tocar bateria, *caixa* ou tambor.

Um dia, quando voltava da escola com sua mãe, ele ouviu um som de tambores vindo da rua de baixo. Zezé correu para ver o que estava acontecendo.



TUM tum tum

TUM TUM tum

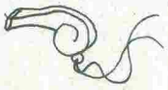
TUM tum tum

TUM TUM tum

TUM tum tum

TUM TUM tum

TUM tum tum

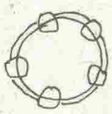


TUM TUM tum

TUM tum tum tum TUM tum tum

TUM tum tum

TUM TUM tum



— Ei, que som é este!? — exclamou Zezé — que bacana!

A batida ia aumentando, aumentando, até que um grupo vestido de azul e branco foi se aproximando. Eram cerca de quarenta pessoas tocando violas, pandeiros, chocalhos e tambores. Todos cantavam e dançavam com muita alegria. Na frente do cortejo, caminhavam um rei negro coroado e uma rainha toda enfeitada.

Zezé ficou hipnotizado com o ritmo da música e com tudo que via.

— O que é isto, mãe? É uma banda?

— Não, isto é uma *Guarda de Moçambique*.

— O que é Guarda de Moçambique?

— Guarda de Moçambique é uma *irmandade*. Seus integrantes usam essas roupas e tocam os instrumentos, num ritmo próprio, em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

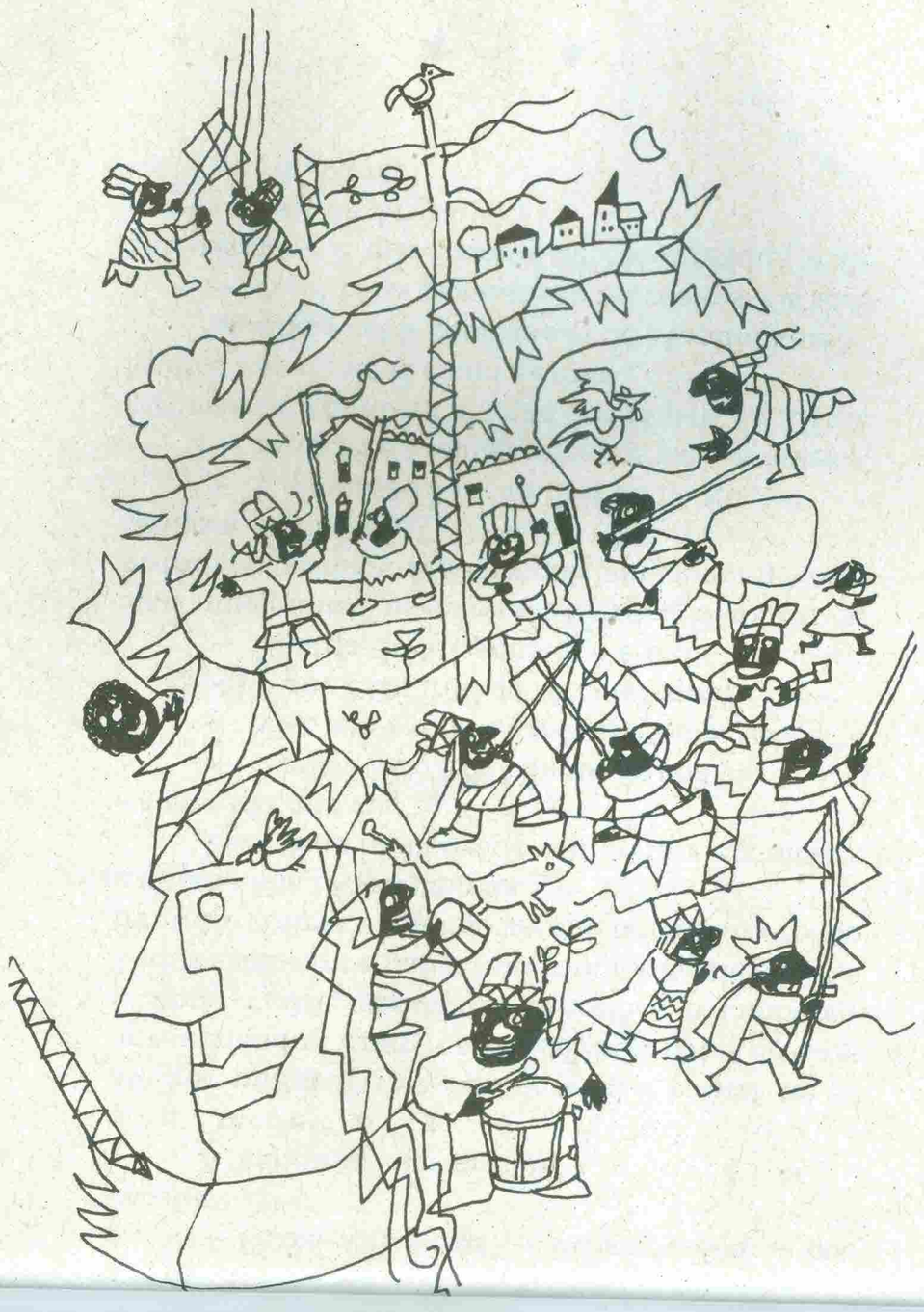
— E quem são aqueles dois ali na frente?

— São o rei e a rainha coroados para os festejos. *Moçambique* é também o nome de um país da África. Muitos vieram de lá como *escravos*.

— Então estas pessoas são de Moçambique?

— Não! Estas pessoas são brasileiras. Os seus antepassados é que vieram de Moçambique e de outros países da África.

— Ah, bom!



Eles seguiram o cortejo até à igreja. Zezé ficou encantado com o que via e se deliciou com aquele som que balançava seu coração.

— Nossa, mãe! Eu gostei tanto desse tal de Moçambique! Eu queria ver de novo.

A mãe de Zezé disse a ele que, sua mãe, dona Faustina, morava em uma comunidade chamada Pedra Caiada. Em Pedra Caiada, havia batuques e uma grande Guarda de Moçambique muito parecida com aquela que eles acabavam de conhecer. Todo ano havia festa nos dias de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.

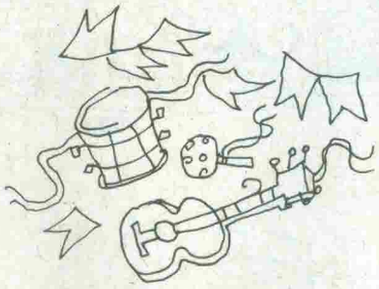
— Uai, Mãe! E você ainda conhece alguém por lá?

— Conheço sim, meu filho. A tia Redonda mora lá. Só que eu não a vejo desde a morte de sua avó.

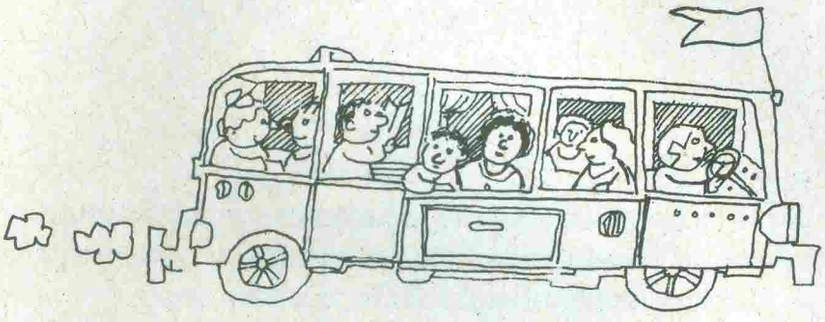
— Que tal a gente ir lá, mãe?

— Boa idéia! Podemos ir. O dia de Nossa Senhora do Rosário cai no próximo fim de semana e tem uma grande festa lá em Pedra Caiada.

Zezé esperou ansiosamente pela viagem. A música do Moçambique retumbava em seu coração e navegava em seu corpo. Finalmente chegou o dia!



A VIAGEM



De manhã, bem cedinho, Zezé e sua mãe embarcaram para Pedra Caiada. O sol anunciava um dia quente, e o ônibus seguia o seu caminho.

— Sabe, filho, a sua avó era uma pessoa especial. Todos de Pedra Caiada gostavam muito dela. Ela era *benzedeira*. Sabia curar doenças usando raízes, folhas, frutos e rezas.

— Ela tocava tambor, mãe?

— Ela não, mas o seu avô era muito bom em tocar e fazer tambor. Ele ia para o mato, escolhia o tronco certo, na lua certa, para confeccionar instrumentos de percussão. Ele também era muito sabido!

— Como eles sabiam essas coisas?

— Eles aprenderam com os mais antigos que vieram lá da *África*. Os mais velhos foram ensinando aos mais novos, que ensinavam para os filhos, as filhas, para os sobrinhos, e assim foi, até chegarem os dias de hoje.

— Todos os nossos parentes vieram da África, mãe?

— Não todos; alguns vieram de Portugal e de outros países da Europa. Nossos parentes indígenas sempre viveram aqui no Brasil. A cor negra e este jeito de ser, que nós todos temos, vieram de nossos parentes africanos.

O QUILOMBO DE Pedra Caiada

Chegando a Pedra Caiada, Zezé e sua mãe foram para a casa de tia Redonda. A casa de tia Redonda estava cheia de gente para recebê-los.

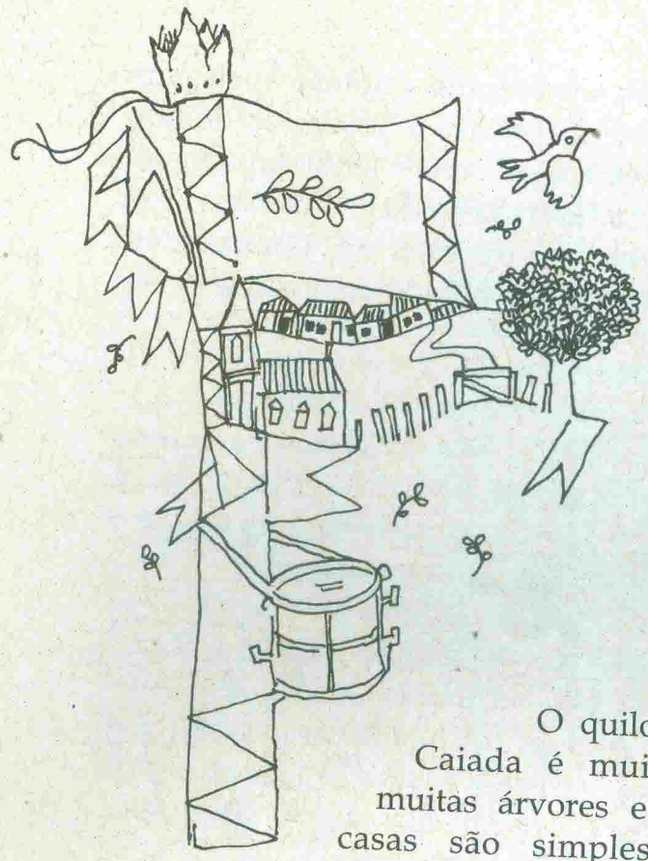
— Oi, primo! Seja bem vindo ao nosso *quilombo* — disse a filha mais nova de tia Redonda, chamada Maria do Rosário, mais conhecida como Mariinha.

— Quilombo? — perguntou Zezé.

— É. Aqui é o quilombo de Pedra Caiada.

— Mas quilombo não era o lugar onde as pessoas que fugiam da *escravidão* se escondiam?

— Sim, mas depois da *abolição*, os negros, que não tinham para onde ir, formaram esses quilombos. Como vivemos aqui há muito tempo, desde a época da escravidão, as pessoas chamam a vila de quilombo — explicou tia Redonda.

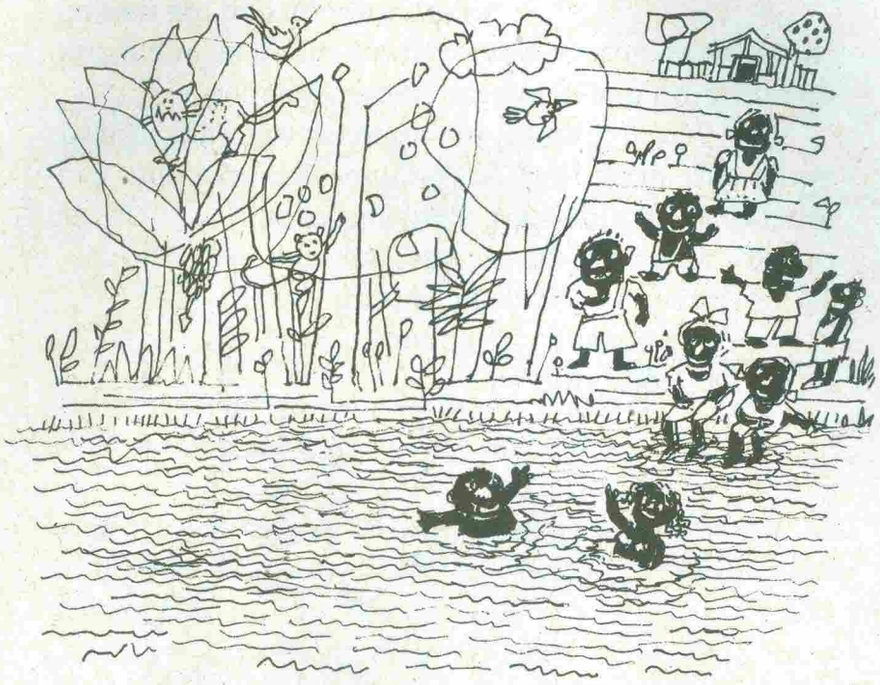


O quilombo de Pedra Caiada é muito bonito. Há muitas árvores e córregos. As casas são simples, mas muito aconchegantes. Todo mundo se conhece e a maioria é parente. Zezé descobriu que tinha muitos parentes vivendo em Pedra Caiada.

Tia Redonda assou quitandas em um forno de barro que havia no quintal. Zezé adorou os biscoitos, comeu até não agüentar mais.

Depois da comilança, Mariinha o levou para conhecer alguns garotos e garotas que estavam num largo perto da igreja. Depois do jogo de futebol, Zezé foi com a turminha nadar no rio.

BRINCANDO NO RIO



A meninada pulou e brincou a valer nas águas transparentes do poço do rio. Nadaram até a pele ficar enrugada. Depois ficaram secando em cima de uma pedra, igual a jacarés. De repente apareceu um senhor de barbas e cabelos brancos; ele carregava um cajado e falou assim para os meninos:

— Meninos, não fiquem tão distraídos na beira do rio, que o *Minhocão* pode aparecer!

— Quem é esse? — perguntou Zezé, assustado.

— O Minhocão vive nas beiras dos rios. Dizem que ele engole qualquer um que fica andando distraído nas margens do rio — respondeu Mariinha.

— É verdade? — assustou-se, de novo, Zezé.

— Dizem que é. Mas eu mesma nunca vi.

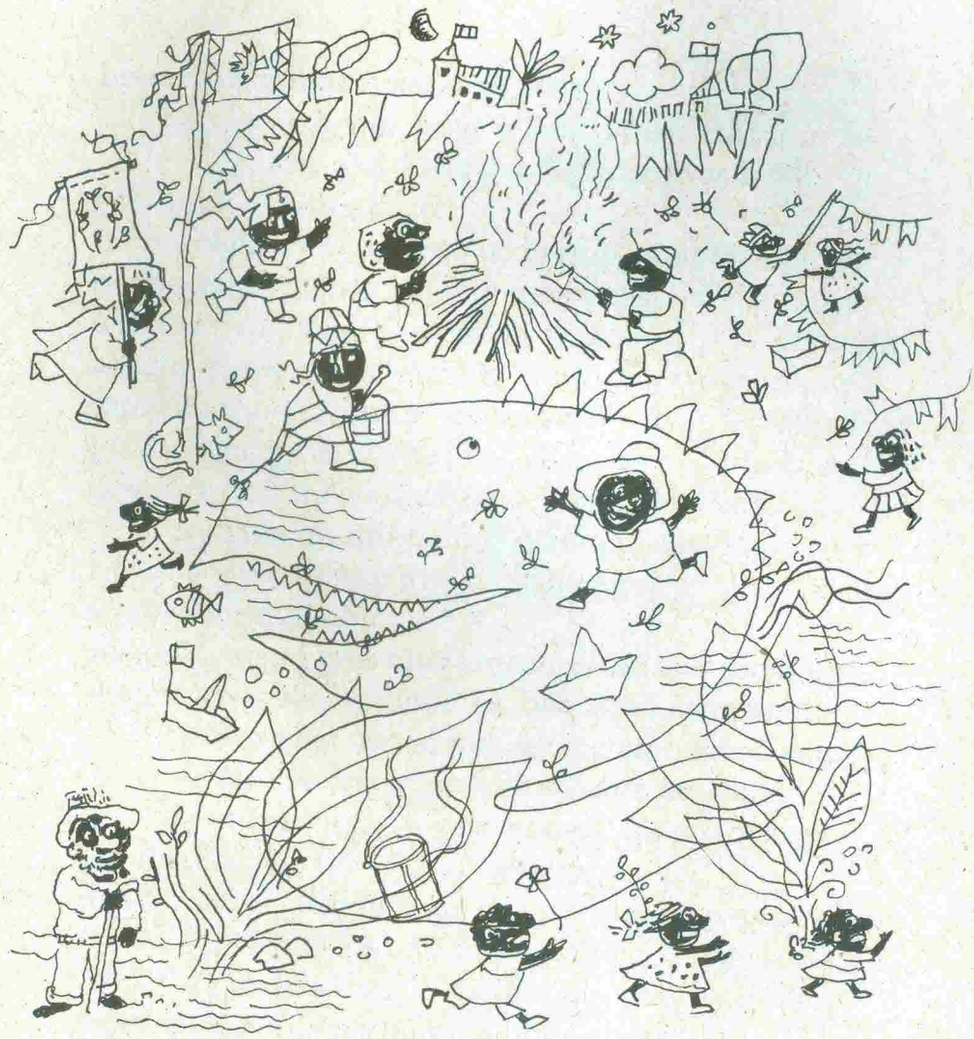
A garotada não se importou com o que o velho senhor disse e continuou na pedra, se esquentando ao sol. O velho deu uma baforada em seu cachimbo e saiu resmungando:

— Não digam que eu não avisei!

Depois de um tempo deitadas nas pedras, as crianças ficaram sonolentas e se calaram. Aí, a água foi se agitando, se agitando, se agitando... e, de repente, uma enorme criatura, meio peixe, meio serpente, surgiu do meio do rio, espalhando água, balançando a cauda e rodopiando a língua. A meninada levou um baita susto e saiu correndo, mas Zezé, paralisado de medo, continuou sentado na pedra, olhando o bicho. Mariinha deu um grito:

— Corre, Zezé, senão o Minhocão te pega!

Zezé deu um pulo e saiu numa carreira, só parando quando chegou na rua.



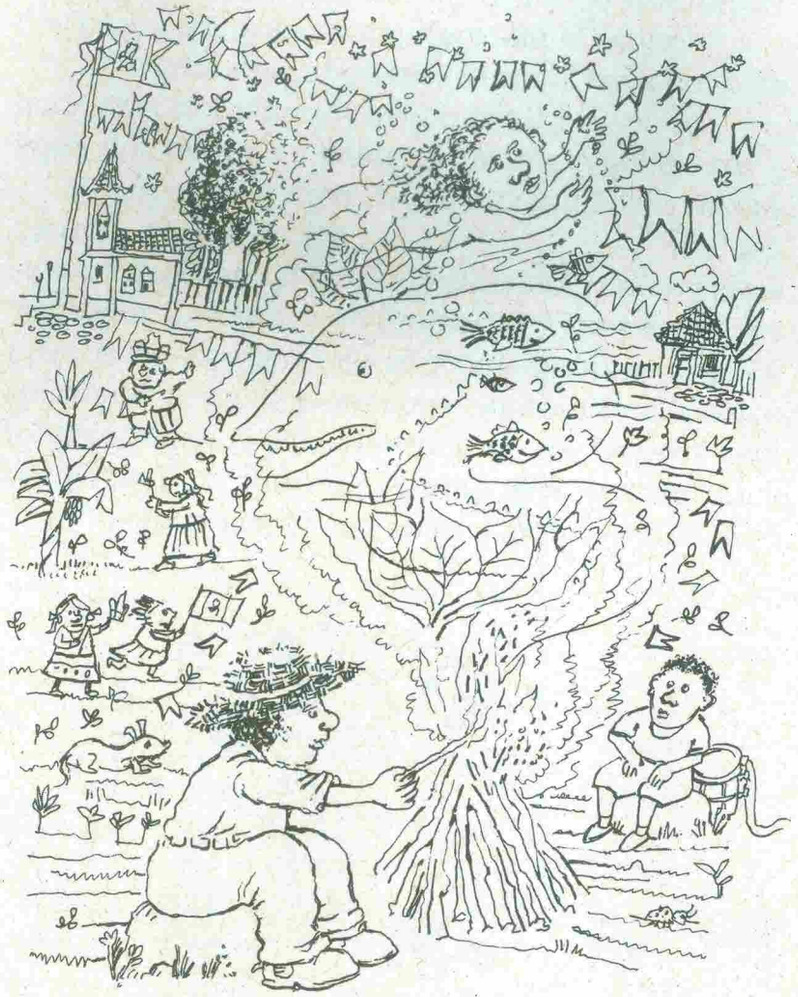
NA FOGUEIRA

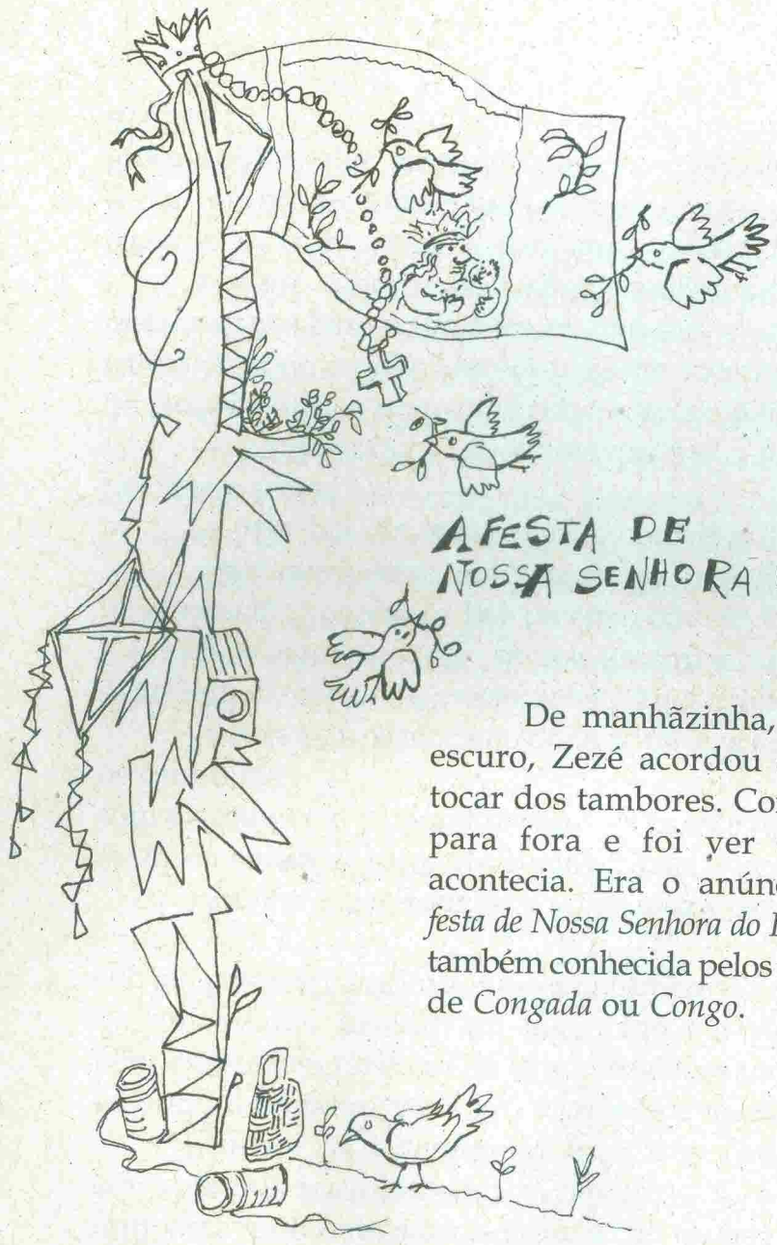
A noite era de lua cheia e o céu estava todo estrelado. No centro da comunidade, fizeram uma fogueira para esquentar do frio. As pessoas iam chegando e sentando em volta. Ali contavam casos e histórias. Zezé e sua mãe se acomodaram ao lado de dona Eva, que falava do Minhocão. Zezé contou sua aventura e falou do grande susto que levou na beira do rio.

Seu Zeca Tadeu, pescador antigo da região, falou que quando a gente vai para a beira do rio, é bom levar uns agrados para o *Caboclo d'Água*.

— É muito importante mostrar respeito, para que coisas ruins não aconteçam com a gente.

Zezé arregalava os olhos com o que ouvia. Olhava assustado para sua mãe, que também ouvia atentamente o que se contava.





A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

De manhãzinha, ainda escuro, Zezé acordou com o tocar dos tambores. Correu lá para fora e foi ver o que acontecia. Era o anúncio da *festa de Nossa Senhora do Rosário*, também conhecida pelos nomes de *Congada* ou *Congo*.

Na véspera da festa, a mãe de Zezé e outras mulheres limparam e enfeitaram a capelinha. Agora era a hora do levantamento do mastro.

Vinham as irmandades pela rua, cantando, rezando e tocando. Quando a reza terminou, uma bandeira com a imagem da santa, pregada na ponta de um grande mastro, foi levantada em frente à capela. Foguetes estouraram e os tambores voltaram a tocar.

Durante o dia, com seus uniformes e bandeiras, saem os cortejos. Primeiro vem o *Terno de Congado* com a espada e o *tamboril*, enfeites na cabeça, abrindo os caminhos.

Depois vêm os moçambiqueiros, de azul e branco, carregando as coroas e o bastão. A dança dos congadeiros é rápida e saltitante. Os "donos da coroa" dançam mais devagar. Batem os pés no chão com as *gungas*.

Zezé, encantado, queria entender tudo que via:

— Mãe, por que as espadas, as coroas, as gungas? Por que a festa?

— Minha avó contava que, um dia, a imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar. Uma irmandade de Congo foi até à praia, tocando seus instrumentos para atrair a santa, mas não conseguiu.

Depois vieram os negros moçambiqueiros batendo seus tambores e cantando. Nossa Senhora então veio ao encontro deles na praia. Por isso, são os moçambiques que levam a coroa — explicou a mãe de Zezé.

Tia Redonda é a rainha da festa. O marido dela é o Joaquim Felício, conhecido como Bil, capitão da guarda do Congo. Fábio Aristides e o Geraldinho, primos do Zezé, também participam. Fazem parte da guarda mirim do Moçambique. Eles são *caixeiros*. Suas primas colocam saias e blusas brancas, amarram um turbante na cabeça, penduram um colarzinho de contas e vão para a festa também.

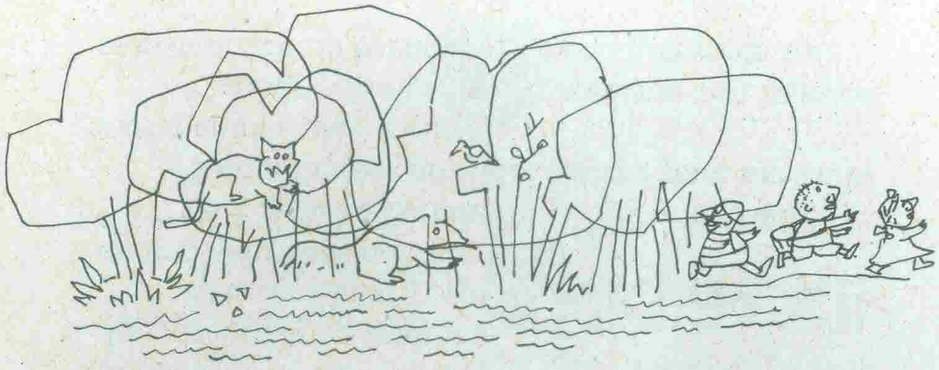
O momento do reinado é o mais importante da festa. Todo ano as pessoas buscam e coroam o rei e a rainha, que oferecem uma janta para todos os presentes. Depois de comer, agradecem e rezam para Nossa Senhora do Rosário. É uma grande honra ser coroado rei ou rainha.

Os tambores tocam durante toda a festa, e o povo canta:

"Nossa Senhora do Rosário,
quem te trouxe aqui?!...
Eu vi, eu vi, eu vi
sua imagem aparecer..."

Zezé cantou e dançou até tarde da noite.

O BICHO FORTALEZA



— Acorda, menino, que os garotos estão aqui na porta te chamando para conhecer a Mata do Funil! — gritou a mãe de Zezé.

— Onde é essa mata, mãe?

— A Mata do Funil fica aqui perto, Zezé. É um lugar de mato fechado, onde vivem muitos bichos como o *muriqui*, o *tamanduá bandeira*, a *suçuarana*, que é prima da onça pintada. Dizem que lá vive, também, o *Bicho Fortaleza*.

— Que bicho é esse, mãe?

— É o espírito de um rapaz que batia em sua mãe com a mão de pilão...

— Credo, mãe, que maldade!

— Esse rapaz vivia na beira do rio. Ele foi amaldiçoado por um espírito da floresta, porque batia em sua mãe sem dó. Um dia desapareceu na mata.

— Nossa! Essa história é de arrepiar os cabelos!

A meninada foi passear na mata. O Minhocão, o Caboclo d'Água, a festança e a história do Bicho Fortaleza não saiam da cabeça de Zezé.

— Como vocês se protegem do Bicho Fortaleza? — pergunta Zezé, assustado, a Mariinha.

— Todo mês, no primeiro dia de lua cheia, uma das famílias oferece um prato de comida para que o Bicho Fortaleza fique sossegado.

— Ah, bom!

A Mata do Funil é linda. Muita vida, muitas plantas, muitos insetos e muitos bichos. Há uma pequena gruta onde os escravos que conseguiam fugir do cativeiro se escondiam.

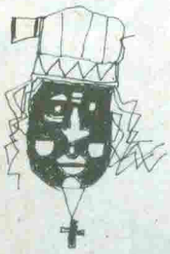
Estavam bem perto da gruta, quando, lá de dentro, saiu berrando um bicho.

— É o Bicho Fortaleza!!! — alguém gritou.

Saíram todos correndo: o bicho para um lado, e os meninos para o outro.

Quando viram que era somente um macaco assustado, riram bastante do medo que sentiram.

O PRETO VÉIO



Zezé e seus amigos continuaram explorando o lugar. Passavam por trilhas e caminhos fechados pelo mato. De repente, perceberam que andavam em círculos. Estavam perdidos.

— E agora? Como a gente vai sair daqui? — tremia Zezé.

Nesse momento, apareceu, novamente, o senhor de barbas e cabelos brancos com seu cajado. Ele se aproximou dos meninos dizendo:

— O caminho é naquela direção — apontou.

E desapareceu no mato.

— Quem é ele? — quis saber Zezé.

— Não sei. Ele aparece sempre por aí... — responde Mariinha.

— Ele não mora em Pedra Caiada?

— Mora não. As pessoas o chamam de Preto Véio.

Os garotos seguiram a indicação e encontraram a trilha de volta para Pedra Caiada.

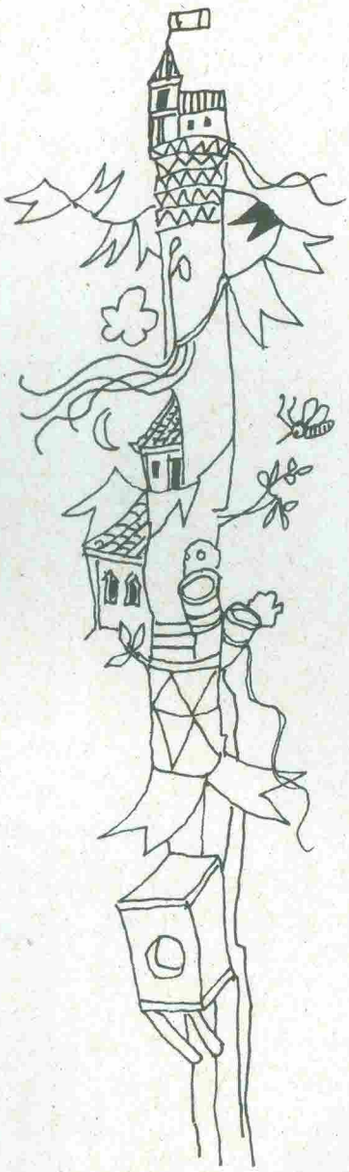
AVOLTA

Chegou o dia de voltar para casa. Zezé se despediu de todos. Já estava com saudades do quilombo.

Foi ali que descobriu as origens de sua família, as tradições, as lendas e as histórias. Agora ele entendia por que gostava tanto de ouvir os tambores e as músicas.

— Mãe, eu quero fazer parte da guarda de Moçambique de nosso bairro. Você me leva lá?

Enquanto o ônibus corria pela estrada, Zezé e sua mãe cantavam baixinho:



"tá caindo fulô, tá caindo fulô,
tá caindo fulô, tá caindo fulô...
cai do céu, cai na terra,
olelê! tá caindo fulô..."

TIM

GLOSSÁRIO

ABOLIÇÃO — Ato de abolir, acabar. Abolição da escravidão, fim da escravidão.

ÁFRICA — Continente banhado ao oeste pelo oceano Atlântico, ao leste pelo oceano Índico e ao norte pelo mar Mediterrâneo. Na África surgiu a humanidade.

BENZEDEIRA — Também chamada rezadeira. Pessoa que tem o conhecimento das práticas (e a capacidade) de curar doenças, anular feitiço, fechar o corpo, tirar ensolação, tirar cobras de uma fazenda, possibilitar que se faça boa viagem, entre outras coisas. As benzedeiras utilizam rezas, ervas e seus conhecimentos, recebidos pelos mais velhos.

BICHO FORTALEZA — Entidade mítica transfigurada em um ser semelhante ao lobisomem. A história do Bicho Fortaleza foi recolhida na comunidade quilombola de Mumbuca, no município de Jequitinhonha, Minas Gerais.

CABOCLO D'ÁGUA — Entidade mítica do vale do Rio São Francisco que se transfigura em homem, peixe, vento ou outra forma qualquer.

CAIXA — Nome comum a vários instrumentos de percussão semelhantes ao tambor.

CAIXEIRO — É a pessoa que confecciona e/ou toca as caixas de batuque e os instrumentos de percussão.

CONGADA — Danças e cantos com que figurantes representam a coroação de um rei de Congo.*

CONGO — Dança de origem africana que se realiza pelo Natal e pelas festas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.*

ESCRAVIDÃO — Também denominada escravatura ou escravismo, é a prática social em que um ser humano tem direitos de propriedade sobre outro ser humano chamado de 'escravo', ao qual é imposta, por meio da força, a situação de submissão.

FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO — Festa tradicional originada na Europa e muito popular no Brasil.

GUARDA DE MOÇAMBIQUE — Dança guerreira de origem africana dançada ao som de instrumentos de percussão, com ritmo marcado por entrechoques de bastões.

GUNGA — Latinhas usadas nas guardas de Moçambique, com sementes ou chumbinhos dentro, presas nos tornozelos por correias de couro.

IRMANDADE — Associação de caráter religioso, confraria.

MINHOCÃO — O minhocão, ou surubim rei, é o rei do rio, mandando e desmandando em tudo: na vontade dos peixes e na vontade das águas.

MOÇAMBIQUE — O Moçambique é um dos ritmos mais evocados no reinado. A guarda de Moçambique toca a gunga e o patangome. Moçambique também é um país da África.

MURIQUI — O maior macaco das Américas. Vive em bandos nas matas e tem pêlo amarelo desbotado. Também chamado buriqui, mariquinha, muriquina.

QUILOMBO — A palavra "quilombo" tem origem na língua dos povos Bantos, na África, e significa refúgio. No Brasil, este termo foi designado para se referir a grupos de negros fugidos da escravidão. Atualmente o conceito de quilombos se estende às comunidades negras tradicionais.

SUÇUARANA — Felino de coloração avermelhada queimada. Mede 1,20m. Alimenta-se de pequenos mamíferos, aves e répteis. Também conhecida como jaguaruna, puma e onça parda.

TAMBORIL — Pequeno tambor. Tamborim.

TAMANDUÁ BANDEIRA — Mamífero desdentado, de pêlos longos cinza-escuros, com manchas negras. Alimenta-se de cupim e é um animal muito dócil.

TERNO DE CONGADO — São os grupos organizados de Congo, Moçambique, Caboclinho, Candombe, Catopés e Marujos, que participam dos reinados.

* Definições extraídas do Dicionário Aurélio.

Sobre os autores

Bete Gontijo nasceu em Divinópolis, Minas Gerais. É socióloga e atualmente coordena o Projeto Quilombos Gerais do CEDEFES – Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva –, em Belo Horizonte. Acompanha o trabalho de identificação das comunidades quilombolas mineiras, auxiliando no processo de articulação das representações quilombolas para que estas se tornem protagonistas de suas lutas.

Pablo Matos Camargo nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. É formado em História pela PUC-MG e trabalha no CEDEFES – Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva –, no projeto Quilombos Gerais. Por meio desse trabalho, já visitou mais de setenta comunidades quilombolas em Minas Gerais.

Humberto Guimarães nasceu em Sabará, Minas Gerais. Já ilustrou vários livros para crianças, tendo sido premiado pelas ilustrações de muitos deles. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ – o reconhece como ilustrador "Altamente recomendável". Em 1999 recebeu o prêmio "Ofélia Fontes", da FNLIJ. É formado em artes pela Escola Guignard, em Belo Horizonte, onde atualmente trabalha como professor de desenho.

Olá!

Gostaram da história do Zezé? Conhecem uma comunidade quilombola? Já comeram os quitutes da tia Redonda? Uff! Tantas perguntas...

Esse livro que você acabou de ler foi feito com muito carinho pela equipe do CEDEFES, com o apoio da SEPPIR.

Hum... mas o que significam essas palavras?

Dê uma olhadinha na parte de trás do livro, na *contra-capa*. Pronto? Viram três nomes desenhados de maneira diferente? Essa maneira que cada um escolhe para desenhar um nome chama-se *logomarca*. Na contra-capa desse livro você vai ver as logomarcas do CEDEFES, da SEPPIR e da MISEREOR: mas o que significam essas letras? Essas letras são siglas. Siglas são palavras formadas pelas iniciais de outras palavras; assim, CEDEFES é a sigla de **CE**ntro de **D**ocumentação **E**loy **FE**rreira da **S**ilva e SEPPIR é a sigla de **S**ecretaria **E**special de **P**olíticas de **P**romoção da **I**gualdade **R**acial. Já MISEREOR é o nome de uma organização alemã que trabalha contra "a fome e a doença no mundo". Deu para entender?

Mas o que fazem o CEDEFES e a SEPPIR?

O CEDEFES procura registrar manifestações de grupos de pessoas como os índios, as comunidades quilombolas, os trabalhadores do campo e outras organizações interessadas em manter a paz por meio do respeito às diferenças que cada um de nós traz dentro de si. O CEDEFES também gosta de promover a troca de informações entre as pessoas que vivem no Brasil, procurando ajudar a registrar e a mostrar a todo o mundo o tanto que esse nosso país é grande e diferente. O CEDEFES fica em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Já a SEPPIR trabalha juntinho do Presidente da República do Brasil e tem a missão de mostrar para o país que pessoas negras, indígenas, ciganos, árabes, palestinos, judeus e mais um montão de gente diferente que vive no nosso país há muito tempo, somos todos filhos desse grande Brasilzão, e nossos direitos e deveres são exatamente os mesmos, e que uma das características mais importantes do Brasil é ter sido formado por pessoas que vieram de diferentes lugares do planeta.

Zezé e os tambores é um livro que fala um pouco sobre as festas, o modo de viver dos africanos que vieram para o Brasil e de seus filhos que foram nascendo aqui. Esse jeito de viver dos africanos também é, de alguma forma, o jeito de viver de todos os brasileiros. Afinal, de uma ou outra maneira, somos todos descendentes de africanos.

Esperamos que você tenha gostado da história de *Zezé e os tambores*. Se você quiser, pode dependurar o seu livrinho em algum cantinho especial. Não deixe de pedir à sua professora mais informações sobre o livro, a história e seus personagens, afinal, o Minhocão, o Bicho-Fortaleza e o Preto Véio adoram conhecer gente nova!

A cartilha que vem a seguir foi elaborada para você trabalhar com a sua professora, ou com o seu professor. Ela pode ser destacada do livro, se vocês assim decidirem.

Abraço da turma do CEDEFES.

Aos professores: sugestões de atividades

Apresentamos algumas possibilidades de trabalhos com os alunos.

Inicialmente foram levantadas algumas questões sobre a história e os personagens do livro *Zezé e os tambores*. Depois foram feitas sugestões de pesquisas que deverão ser acompanhadas pelo educador. É importante que se propicie um espaço em sala para a ampliação das discussões, possibilitando, assim, um aprofundamento sobre a temática quilombola.

1) Quais os trechos do livro que vocês mais apreciaram? Por quê?
2) Qual o grande sonho de Zezé? Ele se tornou real?
3) Como o conhecimento dos mais antigos era repassado no quilombo Pedra Caiada?
4) Quais as tradições quilombolas vistas em Pedra Caiada?
5) Quais as características da guarda de Moçambique?
6) Quais as figuras presentes na Festa de Nossa Senhora do Rosário? Quem as representa?
7) Como foi a visita de Zezé e seus amigos à Mata do Funil?
8) Zezé descobriu as origens de sua família, as tradições, as lendas e as histórias. Descreva com suas palavras o trecho do livro que mais lhe marcou.

Pare, pense, reflita e pesquise!

1) Focalizando a história do negro, qual a relação entre a África e o Brasil?
2) Quais as características comuns às comunidades quilombolas? Quais as diferenças entre as comunidades quilombolas e o restante da sociedade?
3) Que festejos praticam as comunidades quilombolas?
4) Você tem conhecimento da existência de alguma comunidade quilombola? Realize uma pesquisa sobre um quilombo.
5) Recorte gravuras em revistas e jornais, que remetam à cultura quilombola (procure símbolos).
6) Faça uma análise da influência cultural quilombola sobre o restante da sociedade brasileira de hoje.
7) Pesquise sobre a Guarda de Moçambique e/ou outra manifestação afro-brasileira. Ilustre.
8) O Minhocão, o Caboclo D'água e o Bicho Fortaleza fazem parte da cultura quilombola de Pedra Caiada e de diversas comunidades quilombolas de Minas Gerais. Cite outras referências culturais evidenciadas nos quilombos.
9) Na viagem a Pedra Caiada, Zezé descobriu suas origens. Faça o mesmo: questione aos seus pais, tios e avós a origem de seus antepassados. De onde eles vieram? Você tem alguma ascendência africana, indígena, italiana, japonesa, cigana ou outra?
10) Faça uma pesquisa sobre as comunidades tradicionais existentes no Brasil.

Para Saber Mais:

Leia sobre a temática e conheça outras experiências.

Sugestão de pesquisa de campo:

Entre em contato com alguma comunidade quilombola e avalie a possibilidade da realização de uma visita dos educandos. Caso a visita se concretize, aproveite para, em campo, trabalhar com os alunos a escuta e a percepção. Elabore um roteiro de perguntas e procure criar espaço de interação entre os alunos e os membros da comunidade. Posteriormente, sugira a produção de um texto baseado na experiência que vivenciaram.

Pesquise na Internet:

www.cedefes.org.br
www.koinonia.org.br/oq
www.cpisp.org.br
www.socioambiental.org.br
www.palmares.gov.br
www.presidencia.gov.br/seppir

Referências bibliográficas:

ACEVEDO MARIN, R.; CASTRO, E. *Negros do Trombetas:* guardiões de matas e rios. Belém: UFPA/NAEA, 1993.

ALMEIDA, A. W. B. *Nas bordas da política étnica:* os quilombos e as políticas sociais. *In:* Boletim Informativo do Nuer. Florianópolis: 2005. v. 2, n. 2.

ALMEIDA, A. W. B. *Quilombos:* repertório bibliográfico de uma questão redefinida. *In*: BIB. Rio de Janeiro: 1º sem.de 1998. n. 45.

ANDRADE, L.; TRECCANI, G. *Terras de Quilombo.* São Paulo: Mimeo, 1999.

ANDRADE, L. *Os 300 anos de Zumbi e os quilombos contemporâneos. In:* Teoria & Debates. São Paulo, SNCR/PT. 1994. n. 31.

ALMEIDA JR., M. *Terra de Preto:* quilombo de Rio de Contas-BA. São Paulo: Mimeo, 1995.

ARRUTI, M. *O quilombo conceitual:* para uma sociologia do artigo 68. *In:* Revista Tempo e Presença. Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

_____. *A emergência dos "remanescentes":* notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *In:* Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: out. 1997. v. 3, n. 2, p. 7-38.

_____. *O quilombo entre dois governos. In:* Revista Tempo e Presença. Rio de Janeiro: Koinonia, 2003. v. 25, n. 330, p. 10-15.

ASSOCIAÇÃO das comunidades de remanescentes de quilombos e comissão pró-índio. *Minha Terra:* meus direitos, meu passado, meu futuro. São Paulo: ARQMO & CPI-SP, 1999.

BARBOSA, W. A. *Negros e quilombos em Minas Gerais.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1972.
BOAVENTURA, I. *Negros no sul do Brasil:* invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
CANTARINO, E. *Remanescentes de quilombos no Brasil. In:* Boletim da ABA - Terras de Quilombos. Rio de Janeiro: ABA/CFCH/ UFRJ, jul. 1995.
CARDOSO, C. F. (org.). *Escravidão e abolição no Brasil:* novas perspectivas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
CARVALHO, J. J. O Quilombo do Rio das Rãs. Salvador: Edufba, 1995.
COSTA, J. B. *Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo de penúria dos morenos:* a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos (MG). Dissertação (Mestrado em Antropologia) Brasília: UnB, 1999.
_____. *Mineiros e Baianeiros:* englobamento, exclusão e resistência. Tese (Doutorado em Antropologia) Brasília: UNB, 2003.
CRUZ, M. J. (org.) *Frechal:* terra de preto. Quilombo reconhecido como reserva extrativista. São Luiz: SMDDH/CCN-PVN, 1996.
FREYRE, G. *Casa grande & senzala.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.
GOMES, N. P. M.; PEREIRA, E. A. *Negras raízes mineiras:* os Arturos. Juiz de Fora: MEC/EDUFJF, 1988.
LUCAS, G. *Os sons do Rosário:* o congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
MUNANGA, K. *Origem e histórico do quilombo na África. In:* Revista da USP. São Paulo: USP, 1995/1996. n. 28.
PEREIRA, E. A.; MAGALHÃES, N. P. *Mundo encaixado:* significação da cultura popular. Juiz de Fora: Mazza Edições, 1989.

QUEIROZ, S. *Pé preto no barro branco:* a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
RIBEIRO, D. *O povo brasileiro.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
ROSA, M. V. R. *Espinho:* a desconstrução da racialização negra da escravidão. Brasília: Thesaurus, 2004.
SAHLINS, M. *Ilhas de história.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
SLENES, R. *Na senzala, uma flor:* esperanças e recordações da família escrava — Brasil sudoeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
SILVA, D. A. *O passeio dos quilombolas e a formação do quilombo urbano.* Tese (Doutorado em Ciências Sociais) São Paulo: USP, 2005.

Os tambores que tocam perto da casa de Zezé vão levá-lo a fazer uma importante viagem: Zezé vai conhecer a tia Redonda, que mora no quilombo de Pedra Caiada, vai descobrir a origem de sua família, as tradições africanas de seus antepassados, que os parentes cultivam com carinho e dedicação até hoje. No quilombo de Pedra Caiada, Zezé vai saber que é bom tomar cuidado com o Minhocão, que vive no rio, e que é muito importante escutar os conselhos do Preto Véio.

Guiado pelo som do tambor, Zezé vai encontrar um mundo novo que anda encoberto pelo som das buzinas das grandes cidades.

É sempre bom escutar os tambores com atenção: o som do tambor é uma das senhas para se descobrir o Brasil — afinal, um país tão grande como o nosso precisa ainda de muitas descobertas!

Cedefes
Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva

Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

MISEREOR
IHR HILFSWERK